

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Amazônia: preservar e desenvolver

Temos consciência do desmate e das queimadas

Ricardo Salles

Ministro do Meio Ambiente e ex-secretário estadual de Meio Ambiente de São Paulo (2016-17, gestão Alckmin)

A defesa da floresta amazônica deve nos unir em torno do desenvolvimento sustentável para a região. O desafio é preservar e ao mesmo tempo desenvolver para melhorar a vida das pessoas.

Defender toda aquela imensa área deve ser um objetivo permanente de todo brasileiro e está muito acima das diferenças políticas, que são transitórias. Esse debate tem que ser tratado com seriedade e profundidade, o que não aconteceu até hoje.

A Amazônia é uma joia preciosa a ser desenvolvida com sustentabilidade, não apenas por ser bonita de se ver, mas porque lá moram mais de 20 milhões de brasileiros. Uma região muito rica, com um povo muito pobre. O pior IDH do Brasil.

O que necessitamos para corrigir essa dívida histórica com a desigualdade é conservar e investir para desenvolver, com geração de emprego e renda. Este caminho exige responsabilidade e combate às ilegalidades. Afinal, este é o governo da tolerância zero com a criminalidade, inclusive na área ambiental. Estar a favor do desenvolvimento da região é defender a segurança jurídica, é trabalhar pela regularização fundiária, é fazer o zoneamento econômico ecológico e, finalmente, vi-

abilizar a bioeconomia.

Durante muito tempo se defendeu que a floresta em pé vale muito mais do que deitada. Todos concordamos com isso. Porém, para que esse discurso se concretize, é preciso gerar valor efetivo à biodiversidade: investimentos privados, patentes, pesquisa e desenvolvimento, cadeias produtivas e tudo mais que faça com que valha a pena preservar.

Em outras palavras, a defesa do meio ambiente pressupõe o desenvolvimento econômico sustentável. Não há nada pior para o meio ambiente do que a pobreza e a ausência de recursos para preservar.

Mesmo para o agronegócio, a floresta em pé tem muito valor. Afinal, não é apenas a extensão de terra que faz do Brasil uma grande potência do agronegócio. São também as boas práticas e as boas condições climáticas que fazem do nosso país um grande fornecedor de alimentos para o mundo. A regulação do clima, o regime de chuvas e vários outros fatores essenciais ao agro dependem de um meio ambiente equilibrado, e este, por sua vez, no Brasil, depende da floresta amazônica.

Além dos mais de 60% de vegetação nativa preservada nos diversos biomas brasileiros, 84% da Amazô-

nia intocados e um código florestal exemplar para o mundo, o Brasil ostenta conquistas históricas que muitos detratores parecem não enxergar.

Do Acordo de Paris, na meta para 2030, o Brasil tem 45% de fontes renováveis em sua matriz energética, enquanto a média mundial é de apenas 14%. Já entre os membros da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), então, o percentual é ainda menor, de apenas 10%. Da mesma forma, estamos cumprindo as metas de redução de emissões e todos os demais compromissos assumidos para ajudar o Brasil e o mundo a enfrentarem os desafios climáticos.

Isso faz parte de um esforço que já se incorporou à consciência nacional em favor do meio ambiente.

Os programas ambientais estão em pleno andamento. Seguimos todos os compromissos assumidos nos fóruns internacionais e estamos indo bem por nosso próprio mérito.

Temos consciência da gravidade do desmatamento ilegal e das queimadas na Amazônia, tema que precisa ser tratado com serenidade e compromisso, com perspectiva histórica e séria reflexão acerca das suas causas e origens.

Temos agido com rigor. Decretamos uma inédita operação de garantia da lei e da ordem ambiental, mobilizando mais de 4.000 homens e diversas aeronaves. Um forte aparato contra as queimadas e os ilícitos ambientais. Multas aplicadas, processos abertos e prisões realizadas.

Em meio a tudo isso, buscamos reestruturar a gestão do meio ambiente. Fomos eleitos para desmontar o aparelhamento ideológico. É o que está sendo feito, e isso é fundamental para seguirmos cuidando do meio ambiente de maneira eficiente e bem-sucedida.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



HQ com beijo gay

A censura, a intolerância e o autoritarismo têm um adversário à altura (Primeira Página, 7/9). Parabéns, Folha. Enquanto houver imprensa livre, há esperança.

Adjalma Rodrigues da Silva (Belo Horizonte, MG)

Melhor capa. Parabéns, Folha. Andre Porto (São Paulo, SP)

Orgulho de ser assinante de um jornal que luta pela liberdade ("Recolhimento de HQ viola o Estado de Direito", Ilustrada, 6/9).

Mariana Burger (Belo Horizonte, MG)

Causa estranheza a publicação em destaque de cena da HQ 'Vingadores' na capa com tantos assuntos de maior importância, como as divulgações das revelações do Intercept que a Folha vinha fazendo e sem explicações deixou de fazê-las ou as queimadas na Amazônia e as ridículas declarações do presidente Bolsonaro criando divergências com a França, o Chile e, agora, Evo Morales. Assuntos com repercussão na imprensa do mundo todo e que mereceriam mais evidência.

Moacyr da Silva (São Paulo, SP)

É curioso como essa gente está perdida. Querem tirar a obrigatoriedade da cadeirinha porque o Estado não deve se meter nos assuntos da família. Agora querem vigiar os livros ("Fiscais vão à Bienal do Livro após críticas de Crivella a beijo gay em quadrinhos", Ilustrada, 6/9).

Ana Rodrigues (Vitória, ES)

Não confundam liberdade com libertinagem. Tenho o maior respeito às crianças, pois não estão com o seu intelecto formado, são ainda ingênuas, por isso o prefeito Marcelo Crivella tem toda a razão, pois defende a família cristã. Não sou homofóbico. Na Bíblia não existe união do mesmo sexo. Em praça pública onde há crianças tem que haver respeito.

João Lima (Fortaleza, CE)

Neste ano, me tornei septuagenário e é com tristeza que vejo o obscurantismo, a ignorância e a falta de vergonha dos que estão na política para beneficiar suas famílias e seus grupos religiosos. Fazem da política e dos governos municipal, estadual e federal uma verdadeira feira de ações entre amigos. E tudo isso descaradamente, sem necessidade de nada ocultar. E ainda têm a desfaçatez de louvar a democracia.

José Soriano Sales (São Paulo, SP)

Já dizia Drauzio Varella que, se você está preocupado com o que os outros fazem na cama, o problema não é eles. Você é que tem algo a resolver consigo mesmo.

Tailor Moraes (Florianópolis, SC)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

MERCADO (7.SET., PÁG. A32) A IFI (Instituição Fiscal Independente) é ligada ao Senado, e não ao Banco Central, conforme foi pu-

Sete de Setembro

Alexandra de Moraes, na sua charge (Opinião, 7/9), considera trouxas os brasileiros que se vestem de verde e amarelo no dia de nossa independência. Gostaria de saber se ela também considera trouxas os franceses que se vestem de branco, azul e vermelho no dia 14 de julho, que é o dia da queda da Bastilha. Minha família se orgulha de nossas cores. Tive um filho que se vestia de verde e amarelo toda vez que nossa seleção jogava.

João Henrique Rieder (São Paulo, SP)

Brigitte Macron

Texto inteligente "Por que o bologodó de Brigitte incomoda tanto?", de Miriam Goldenberg, que vai demolindo os estereótipos disseminados nesses tempos sombrios. Pessoas sem nenhuma moral ou ética, que não representam um país democrático, só a barbárie, e acham que são donas do país.

Marcos Medeiros (São Paulo, SP)

A imprensa foca somente o aspecto desfavorável do governo, na ânsia da crítica persecutória ("Comentário sobre Brigitte Macron foi 'grosseira indesculpável'", diz Guedes", Mundo, 6/9). O ministro falou mais de uma hora sobre os rumos da economia do país. Brillante.

João Braga (Marília, SP)

Bolsonaro

A primeira das tarefas da maioria do povo brasileiro foi desalojar a organização criminosa do Palácio do Planalto e colocar alguém honesto. Errar é humano ("Bolsonaro diz que reconhece sua incompetência em alguns momentos", Poder, 6/9). O impossível é eles chamarem Bolsonaro de ladrão. A maioria dos ladrões está presa.

Avelino de Freitas Neto (Porto Alegre, RS)

Já é um primeiro passo para uma renúncia honrosa.

Washington Portela (Fortaleza, CE)

Parabéns a esses atletas que têm a coragem de se posicionar mesmo sabendo que irão sofrer ataques da mídia que defende uma ideologia, para não falar outra coisa, ultrapassada ("Atletas de direita surfam em onda patriótica e defendem Bolsonaro", Esporte, 7/9).

Guillermo Vela Miranda (São Paulo, SP)

O Velho Chico

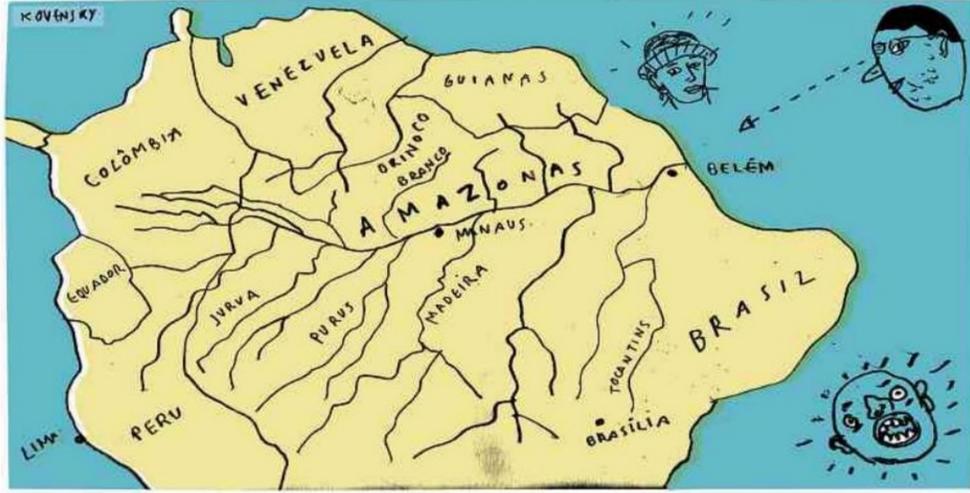
Nasci e cresci em Juazeiro (BA), com os pés dentro do Velho Chico. As minhas melhores lembranças pertencem a ele. Os medos da época de menino são das personagens dele. Ah, Francisco! Me enchi de alegria quando soube que tuas águas iriam banhar outros pés, regar a imaginação de tantos meninos, ressuscitar a vida em terras tão inóspitas. Ah, Francisco! Meu coração, outrora feliz, afundaste em tristeza logo após a leitura desta reportagem. Ah, Francisco! Quantas águas corridas, lágrimas escorridas, despedidas e saudade. ("Inaugurada às pressas por Temer e Lula, transposição do São Francisco já define", Poder, 2/9)

Gleudson Silva Lino (São Bernardo do Campo, SP)



Total de comentários no site da Folha de 31.ago. a 6.set.: 9.571

*Soma das mensagens enviadas para a Folha



Martin Kovensky

Poluição sonora e do ar, os males paulistanos são...

Sem começar pelos detalhes, a vida perde o valor

Miguel De Almeida

Escritor e diretor dos documentários "Não Estávamos Ali para Fazer Amigos" e "Tunga, o Esquecimento das Paixões"

Em seus três mandatos como prefeito de Nova York, o democrata Michael Bloomberg governou a cidade com o apuro de quem se veste para um primeiro encontro amoroso. Cuidou de políticas para habitação popular em bairros sofisticados (nada da pobreza de imaginação do Minha Casa, Minha Vida) e da segurança pública com igual atenção.

Mas cuidou principalmente do bem-estar de seus patricios. Como? Dois exemplos: proibiu o cigarro em locais públicos — a começar por parques. E proibiu a buzina. Em seus mandatos, as esquinas traziam a placa "não buzine". Inveja...

Parece frescura? O nível de ruído numa metrópole — sempre acima dos 51 decibéis indicados como saudáveis —, além do óbvio estresse, resulta em diversas doenças e até em ataques cardíacos. Tonturas, dores de cabeça, enjoos e desânimo são outros dos males advindos com a balbúrdia mal-educada. Anos atrás, o

jornal The New York Times apurou em alguns restaurantes da cidade barulho equivalente a cerca de 96 decibéis — uma furadeira elétrica.

Em São Paulo, caro leitor, deve ser pior. Caso se junte a buzina desesperada dos carros (105 decibéis), a buzina torturante dos motoqueiros e o eco dos ônibus... Meses atrás, a prefeitura lançou o Mapa do Ruído Urbano. Como tarefa, um diagnóstico sonoro de todas as áreas da cidade. Algo inédito: não há essa geografia sonora da Pauliceia. Sabe-se uma coisa ou outra, como o volume de barulho no alto trânsito do Minhocão. Estimados 70 decibéis. Ou que Pinheiros é a região mais barulhenta.

Junto com a poluição do ar, a poluição sonora é um dos grandes males de metrópoles, em especial do terceiro mundo. Por falta de descuido e de políticas públicas permissivas, caminhar na avenida Paulista equivale a duas horas na cabeceira do aeroporto de Congonhas.

Ao contrário de outras metrópoles do primeiro mundo, as cidades brasileiras padecem de um mal bastante tupiniquim. Por obra e graça do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), desde 1997 as motos podem trafegar entre os automóveis. Para constar: em um ano tranquilo, como o de 2012, morreram 12.500 motoqueiros. FHC ofereceu aos brasileiros algo inédito até na terra da Harley-Davidson. Nos EUA, apenas a Califórnia é que permite tal modalidade de roleta-russa — e, vale registrar, em lei de 2016.

Mas São Paulo não é Nova York. Com exceções. O ex-prefeito Mário Covas criou floreas nas ilhas das avenidas e, antes, Jânio Quadros mandou plantar árvores frutíferas — "para que voltem os passarinhos", anotou em seu decreto municipal.

Um prefeito se preocupar com flores ou passarinhos demonstra um olhar humano sobre a cidade. Estimular prédios sem muros ou com muros de vidros — como se encontra no Plano Diretor desde 2014 — auxilia a diminuir o ruído urbano, amplia a visão e ainda oferece a fruição dos jardins internos.

Junto com a poluição sonora e a do ar, por certo as calçadas sejam outras das grandes tragédias paulistanas. Esburacadas, sem padrão, desniveladas, estreitas, são um caso de lesa-pátria. E agora o pedestre disputa seu pouco espaço com as bicicletas e as patinetes.

Detalhes, sim. Sem começar pelos detalhes, a vida perde o valor.